

Jair Oliveira lança  
single colaborativo  
'Redes Essenciais'



PÁGINA 3

Doc. reverencia  
legado do diretor  
Luis Ospina



PÁGINA 4

Texto de García  
Lorca em contexto  
contemporâneo



PÁGINA 8

## 2º CADERNO

Marcos Villas-Boas/Divulgação

Mariana de Moraes  
dedica seu quinto  
álbum à obra  
do avô Vinicius  
de Moraes

Divulgação



# Ao vô, *com carinho*

Um tributo à obra e ao legado do eterno poeta. A cantora e atriz Mariana de Moraes celebra afetos temporais em seu quinto disco de carreira, o primeiro totalmente dedicado ao avô, Vinicius de Moraes. Com 12 faixas e arranjos de João Donato (1932-2023), "Vinicius de Mariana" já está nas plataformas digitais via Selo Sesc. O álbum reverencia a amizade, a justiça e a esperança, unidas em um repertório que abraça os maiores ídolos e parceiros do poetinha: Pixinguinha, Antônio Maria, Chico Buarque, Edu Lobo, Carlos Lyra e Baden Powell.

O single "Maria Moita", parceria de Vinicius e Lyra, foi lançado no último dia 19, quando o compositor faria 110 anos, antecipando o novo trabalho de Mariana.

A canção denuncia a cultura de opressão às mulheres ("Meu pai dormia em cama / minha mãe no pisador") e as desigualdades sociais ("O rico acorda tarde, já começa a resmungar / O pobre acorda cedo, já começa a trabalhar"). Um coro formado por sete vozes femininas evoca a ancestralidade na figura de pais e avós: Mart'nália, Camila Pitanga, Jussara Silveira, Luciana Alves, Clara Buarque (neta de Chico Buarque), Maria Luiza de Moraes (filha de Mariana) e Antônia Pitanga (filha de Camila).

"Essa é uma música emblemática para mim. Tem uma história e um desejo de justiça que retrata esse amor muito grande do Vinicius pelas mulheres, não só as "dele", mas as mulheres do mundo. Um desejo por um mundo mais justo, onde as mulheres fossem amadas e tratadas e não violentadas, onde a terra fosse amada e tratada e não violentada, onde os trabalhadores não fossem explorados", conta Mariana.

Continua na página seguinte



Mariana de Moraes pinçou para o álbum um repertório que abraça ídolos e parceiros do Poetinha

# Time de peso foi *recrutado*

“**V**inicius de Mariana”, que traz na capa a foto de Mariana criança sentada no colo do avô, começou a ser gravado em 2021, durante a pandemia de Covid-19. Um período difícil, de dor e ao mesmo tempo de esperança. A cantora cercou-se de um time de grandes colaboradores. A produção musical é de Mariana e Guto Wirtti (também baixista e arranjador). João Donato toca piano e assina os arranjos em cinco faixas. Destaque para as parcerias com o pianista, cantor e compositor Zé Manoel, bem como o baterista e percussionista Robertinho Silva. O repertório foi escolhido a dedo. Ao lado de Guto Wirtti e Leo Pereda, Mariana pinçou 12 canções do avô que costuram uma rede de ancestralidades. O abre-alas é “Canto do Caboclo da Pedra Preta”, gravada originalmente no clássico Afro Sambas (1966), de Vinicius e Baden. Os arranjos evocam a herança de Brasis negros que forjaram a dança e a musicalidade do país. “Canto de Xangô”, outra parceria de Vinicius e Baden, chega com a saudação em yorubá de Mariana. Sopros e atabaques formam o terreiro camerístico para o canto de Zé Manoel e Clara Buarque.

“Eu sou negro de cor/ Mas tudo é só amor em mim”, “Mas amar é sofrer / Amar é morrer de dor / Xangô meu senhor, saravá / Me faça sofrer/ Ah, me faça de morrer / Mas me faça morrer de amar”, suplica a letra.

A parceria com Baden também aparece em “Tristeza e Solidão”. Já Carlos Lyra, além de “Maria Moita”, é lembrado ainda em “Marcha da Quarta-Feira de Cinzas”. A frutífera colaboração com Tom Jobim está presente na célebre “Eu não existo sem você”. A canção ganhou uma leitura familiar e afetiva, com participação de Maria Luiza de Moraes (filha de Mariana) e de Antônia Pitanga (filha de Camila Pitanga) além de sons de bebê na voz de Rara, filha de Mana Bernardes e Marcelo Jeneci (que toca sanfona na faixa).

A escolha do repertório retrata em parte a diversidade de parceiros de Vinicius. Um deles é Edu Lobo, que comparece com “Arrastão” (vencedora do 1º Festival da Música Popular Brasileira da TV Excelsior, em 1965) e “Só me fez bem”. Chico Buarque é lembrado em “Desalento”, a oitava faixa do disco, e participa cantando ao lado de Mariana. Já An-

tonio Maria surge com “Quando a Noite me Entende”, Hermano Silva com a clássica “Onde Anda Você” e Pixinguinha fecha o álbum com “Mundo Melhor”.

O álbum reúne ainda músicos como Carlinhos 7 Cordas, Joana Queiroz, Nina Becker e as participações especiais de Clara Buarque (neta de Chico) e Aurora Alves.

“Vinicius de Mariana” é um álbum feito de amor, tradição, inovação e sangue familiar. Afinal, como dizia o próprio Vinicius: “E, no entanto, é preciso cantar / Mais que tudo, é preciso cantar”.



**Chico Buarque**  
no estúdio  
durante as  
gravações



**João Donato,**  
morto  
recentemente,  
assina os  
arranjos do  
álbum

**Camila  
Pitanga**  
participou da  
gravação



# Conexões essenciais

Jair Oliveira antecipa novo álbum com single colaborativo

**P**ara refletir sobre os relacionamentos verdadeiros em nosso cotidiano e descrever a euforia de estabelecer conexões amorosas presenciais e reais, o cantor e compositor Jair Oliveira lança, em parceria com Prateado, a canção “Rede Essencial”, primeiro single do álbum “Tekoá”, o próximo trabalho de Jair. A música está em todas as plataformas digitais.

A faixa inaugura o projeto comunitário de Jair Oliveira em torno da plataforma criativa digital Marshmelody. Na plataforma, “Tekoá” torna-se fruto de trabalho coletivo em que cada faixa

é produzida e arranjada por um produtor ou produtora da Marshmelody. Assim, no novo álbum do artista um ‘showroom’ de talentos do chamado ‘Global Brazilian’, espalhados ao redor do mundo, será destacado.

“Tekoá” é um termo indígena que significa aldeia, comunidade. É o disco tem todo este conceito em torno da importância da vida - e da criatividade - em comunhão, em colaboração. ‘Rede Essencial’, nessa reflexão, representa a força e o poder das relações humanas dentro desta aldeia. Fala sobre os relacionamentos reais em nosso cotidiano; e tece um paralelo refle-



Divulgação

**Jair Oliveira: ‘O disco tem um conceito de comunhão’**

xivo em torno da apropriação dos termos geralmente utilizados para caracterizar as relações virtuais das redes sociais e digitais para descrever a euforia de estabelecer conexões amorosas presenciais e reais, que seguem tendo importância

máxima na Tekoá global”, reflete Jair.

Wilson Rodrigues, referência do samba e conhecido como Prateado, exalta a parceria com Jair: “Eu coloco ‘Rede essencial’ como uma das melhores, senão a melhor

que fizemos. E fomos felizes também no título, que é um resumo da temática que abordamos”.

Jair acolhe e completa: “Grande honra poder compor mais uma canção com o meu querido parceiro Prateado, que é uma grande referência no universo do samba e um dos maiores músicos e produtores da atualidade. Nossa parceria, curiosamente, iniciou por meio das redes sociais, em um momento quando as interações estavam quase que completamente remotas. Isso me levou a escrever a letra de ‘Rede Essencial’ de maneira a celebrar e valorizar a importante troca presencial de experiências de vida, sem perder o humor e a influência do jeito moderno de se comunicar com as pessoas e com o mundo”.

‘Rede Essencial’ tem produção e arranjos do músico e compositor carioca Douglas Lacerda e traz toda ginga e balanço do tempero fluminense e do universo Samba-Pop para a Tekoá imaginada por Jair Oliveira.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Autoconhecimento

Quando morava em uma casa na árvore, num momento de profundo autoconhecimento, Kauan Calazans se deparou com uma libélula que todo dia pousava no mesmo galho. Até que um dia o galho quebrou e a libélula tomou outro rumo. Isso fez o cantor e compositor, ex-membro da banda Folks, refletir sobre como os momentos são passageiros em nossas vidas, levando à composição do single “Libélula” já disponível nas plataformas digitais.



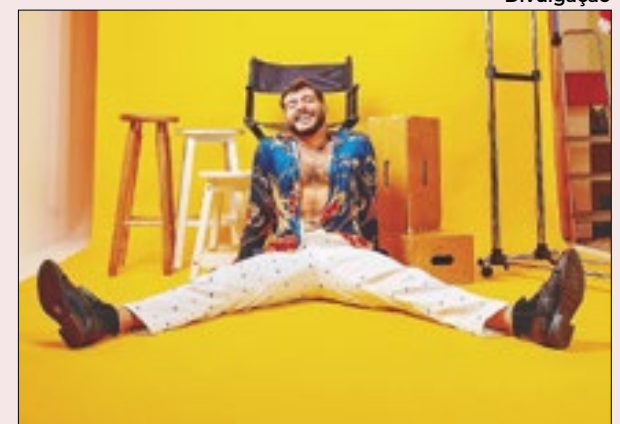
Divulgação

### Teló + Matheus

“Venho acompanhando o trabalho do Matheus há bastante tempo e acho ele um cara muito talentoso com quem fiquei feliz demais em trabalhar”, conta Michel Teló sobre a parceria com Matheus Fernandes para o lançamento de “Tchau Pros Esquemas”. Assim como os outros singles lançados, a música chega acompanhada de um vídeo, disponível na página oficial do cantor no YouTube. As imagens foram feitas no início de maio, durante a gravação do projeto “Rolê Aleatório”, realizada no espaço de eventos Central 1926, em São Paulo.



Flash Deslandes/Divulgação



Divulgação

### Novidade de Nahoum

Considerado como revelação do pop, o cantor e compositor Nahoum lançou seu novo single “F.O.D.A.”. A faixa é uma composição do próprio artista e brinca com o trocadilho da palavra com um termo inglês da psicologia que significa Fear Of Dating Again (medo de se relacionar novamente). A música tem uma pegada pop com flertes ao rock. “Estou apaixonado por este novo single. Acredito que muitas pessoas vão se identificar com sua letra e se contagiar com o instrumental poderoso que vai de solos de guitarra a violinos”, afirma Nahoum.

# Ospina manda a real



No encerramento da maratona paulistana, mestre colombiano ganha um réquiem com .doc sobre seu legado político

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**F**echa-se nesta quarta-feira (1º) um ciclo audiovisual dos mais concorridos da história da Mostra de São Paulo em seus



Divulgação

*'Ospina Cali Colombia' traz entrevista derradeira com o diretor*

47 anos de existência, com o encerramento de uma edição lotada, repleta de autores, que se despede da maior metrópole do país celebrando o legado de um mestre latino-americano da imagem: Luis Ospina (1949-2019). “Hay Que Ser Paciente” e “Todo Comenzó Por El Fin”, ambos de 2015, foram os filmes finais de uma travessia audiovisual iniciada em 1964 pelo diretor colombiano responsável pela cha-

mada “Caliwood”, um núcleo de produção em Cali.

Ele foi aclamado na Europa por cults como “Vampiros da Miséria” (1977) e “Um Tigre de Papel” (2008). Sua forma de narrar tem um estilo brutalista, entre o real e o horror simbólico. Essa estética será desbravada na Mostra, nesta quarta, no Circuito SPCine Olido, às 16h, com a projeção do documentário “Ospina Cali

Colombia”, de Jorge de Carvalho, diretor radicado em solo português.

A base de seu longa de 81 minutos é um encontro ocorrido em Lisboa, com Ospina. Ele fala sobre a conturbada história moderna da Colômbia, enquanto revisita sua vida e obra: a infância, a afinidade precoce com o cinema, a temporada nos Estados Unidos, o retorno ao país natal e a fundação do Grupo de Cali, ao lado de Carlos Mayolo e Andrés Caicedo.

“Há uma liberdade considerável a se aplicar à palavra ‘real’ a fim de salvá-la de rótulos, de tirar dela uma conexão plena com o documentário que a estrangule. Esse status documental do realismo cinematográfico é uma falácia que surgiu desde os primórdios do cinema, quando grandes realizadores como Dziga Vertov equiparam o documentário à uma noção hoje já questionada de ‘verdade’. Vários de meus documentários questionam o próprio documentário”, disse Ospina ao Correio da Manhã em 2017, em Madri, na entrega do prêmio Platino. “Comecei a fazer filmes na década de 1970, quando surgiram várias teorias da esquerda sobre o cinema que deveria ser feito na América Latina, a maioria das quais, como o Terceiro Cinema dos diretores Solanas e Getino, opunha o documentário à ficção. Conciliações vieram com o tema”.

Esta noite, no fim da Mostra, serão conhecidos os filmes nacionais e estrangeiros premiados pelo júri oficial do evento.

## DICAS DE QUARTA-FEIRA

**MULHER DE...**, de Malgorzata Szumowska e Michal Englert: A diretora de “Body” (2015) volta a unir forças com seu habitual parceiro (e fotógrafo) para exumar os cancrs morais de sua Polônia natal. Dentro do cenário das transformações da sociedade polonesa de um país comunista para capitalista, acompanhamos 45 anos da vida de Aniela Wesoly na sua jornada em busca da liberdade como uma mulher trans. Ela enfrenta dificuldades nas relações familiares e atitudes complicadas no seu entorno, em um contexto que a obriga a fazer escolhas difíceis e, também, sacrifícios. Circuito: Reserva Cultural 1, 13h30.



Mulher de...

**INGEBORG BACHMANN - JORNADA PELO DESERTO**, de Margarethe Von Trotta: É sempre bonito ver a diretora de “Hanna Arendt” (2012) cartografar as vozes femininas que desafiaram o sexismo na Filosofia ou, no caso de seu novo filme, na Literatura. Notável e carismática, Ingeborg Bachmann (a brilhante Vicky Krieps) conquistou espaço no mundo predominantemente masculino da literatura alemã com sua poesia. Ainda jovem, ela está no auge da carreira quando conhece o famoso dramaturgo Max Frisch. Os dois se apaixonam, até que conflitos pessoais e profissionais começam a perturbar a harmonia do casal. O longa foi um dos achados da competição pelo Urso de Ouro de Berlim, em fevereiro. Circuito: Espaço Itaú Augusta 1, 17h40.



Ingeborg Bachmann

**ATRÁS DAS MONTANHAS**, de Mohamed Ben Attia: Laureado na Berlinale de 2016 com o Prêmio de Melhor Filme de Estreia, com “A Amante” (“Heidi”), o diretor tunisiano volta a seu tema mais delicado: a paternidade. Depois de passar quatro anos na prisão, Rafik (Majd Mastoura) tem apenas um plano: levar o filho para as montanhas e mostrar a ele sua incrível descoberta. Mas seu périplo afetivo será árduo. Esta produção passou pelo Festival de Veneza, antes de circular pela Mostra. Circuito: Espaço Itaú Augusta 2, 21h50.



Atrás das Montanhas

ENTREVISTA / GUSTAVO GALVÃO, CINEASTA E PRODUTOR

# ‘A gente se entrega cedo demais para as normas da vida’



Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**N**o vasto cardápio de brasilidade da 47ª Mostra de São Paulo, em seu menu de 350 títulos, um debate feroz sobre o modo como a mídia se apropria da vida alheia, galvanizado pela atuação em estado de graça de Gisele Frade, fez de “O Vazio de Domingo à Tarde” um dos maiores achados do evento. Sua narrativa de pura taquicardia é a certeza de que seu diretor, Gustavo Galvão, sempre dá um jeito de surpreender a plateia.

Ele passou pela maratona cinéfila paulistana ainda com “Inventário de Imagens Perdidas”, uma distopia sobre uma revolução fundamentalista que põe o país em guerra civil. Brasiliense de 1976, ele formou-se em Jornalismo na UNB e estudou cinema na Escuela Superior de Artes y Espectáculos de Madri.

Estreou na direção de longas-metragens com “Nove Crônicas para um Coração aos Berros” (2012) e realizou a pérola “Uma Dose Violenta de Qualquer Coisa” (2013). “Ainda Temos a Imensidão da Noite” (2019), com o qual foi premiado no BAFICI, na Argentina, é seu maior hit. Por enquanto...

De que maneira que esse teu lugar prévio de crítico de cinema, de frequentador da Mostra de São Paulo com o olhar de investigador de imagens, orienta teu olhar na construção desse percurso que você está fazendo hoje, como realizador e produtor?

**Gustavo Galvão:** Antes de tudo, eu fui espectador. Antes de ser crítico e muito antes do fazer filmes, como cineasta, eu já era espectador. Eu venho para a Mostra desde 1996. O que me interessa na Mostra de São Paulo, e no Festival do Rio, é ver o que é diferente do que é exibido na média dos cinemas. Isso me orientou muito a buscar o “novo” na realização, a buscar o que não é o padrão. Eu gosto quando vou fazer um filme e alguém fala: “Isso não vai dar certo”. É a certeza de para onde eu vou, porque estou cansado de ver filmes que mostram que um outro caminho, de mais risco, pode ser interessante. Sinto que é a conjunção do cinéfilo, que tem essa sede de buscar coisas diferentes e variadas, com o artista. Eu vejo de tudo. Fazendo cinema, eu tento não me acomodar. Se você olhar bem para os meus longas, eles são muito diferentes uns dos outros, mas eu vejo as conexões entre eles.

**Qual é a conexão mais essencial, consciente que você enxerga neles?**

Tem algumas. Normalmente, eu me interessava por personagens



Rodrigo Fonseca

que estão se questionando. São personagens que estão num momento de dúvida, entre tomar uma decisão de seguir em frente ou uma decisão de recuar. Eu gosto também de observar relações familiares, assim como gosto de

falar de relações de trabalho. É um tema comum nos meus longas, apesar de não serem filmes abertamente sobre isso. Falo sobre como a gente usa o nosso tempo e como a gente se entrega cedo demais para as normas da

vida. Tento entender o que a gente deixa pra trás com as decisões que tomamos. O longa “Uma Dose Violenta De Qualquer Coisa” é o caso mais explícito disso, pois há lá um personagem que tenta romper, de fato, com tudo. Ele só não sabe para onde está indo. Não é necessário para isso que se faça um road movie. Um filme estático, nos sentimentos ou na cabeça do personagem, dá conta desse processo. “Inventário de mais perdas”, que trago para a Mostra, é um pouco diferente disso tudo, porque tem um contexto maior, uma revolução fundamentalista no Brasil. Nele, os dois personagens estão encarando essa situação atípica. Mas mesmo ali tem uma discussão de família, tem uma discussão do trabalho, tem uma discussão do processo

**Como entra “O Vazio de Domingo À Tarde” nesse percurso?**

Esse filme é uma discussão aberta sobre o cinema. São duas protagonistas, e uma delas é uma atriz. Por meio dela, a gente discute como a imagem “pública” que as pessoas fazem de uma figura midiática nem sempre casa com quem ela é. Nem as pessoas próximas sabem identificar mais aquela imagem. Então é por isso que a gente usa também uma propulsão de imagens de celular no filme, porque são olhares múltiplos. São olhares para essa pessoa que ela mesma começa a ter dificuldade de se entender.

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

French Latino se apresenta no país pela primeira vez

## Sucesso global na web, French Latino toca no Riachuelo

O grande sucesso após viralizar na Internet, especialmente no Brasil, com a canção "Historia de un Amor", chega ao Rio para apresentação única nesta quinta-feira (2), às 20h, no Teatro Riachuelo. O grupo francês de música latina mediterrânea apresentará o show do recém-lançado do disco "Merci" e outros álbuns. Será possível

viver uma noite emocionante, com muitos ritmos e melodias de diferentes culturas. Uma verdadeira viagem musical, com clássicos latinos e canções em diversos idiomas, acompanhadas dos arranjos e do jeito French Latino de fazer música, com muita percussão, guitarras espanholas e números de dança.

### Juntos com o Rei

Tradicional na Globo, o Especial Roberto Carlos vai ao ar no dia 22 de dezembro na emissora. Luísa Sonza, Fábio Jr., Ana Castela, Mumuzinho, Jão e o humorista Paulo Vieira tiveram os nomes confirmados no palco da festa ao lado do Rei.

### Enóloga do ano

A Associação Brasileira de Enologia concedeu o título de enóloga do ano à Vanessa Stefani, com passagens pela Vinícola Aurora e Baccardi do Brasil. É a primeira vez que uma mulher recebe a distinção, desde 2004, quando foi criado o concurso.

### Novo rosto

Na busca por novos rostos, a Globo tem escalado diversas atrizes trans para a suas produções. A mais recente é Aretha Sadick, destaque na cena teatral carioca, que será protagonista de "Reencarne", produção Globoplay ainda sem data de estreia.

### Recusa

Fora da TV desde 2021 quando apresentou alguns programas no SBT, o jornalista Dony de Nuccio agradeceu, mas recusou um convite para comandar a nova revista eletrônica da emissora de Silvio Santos, que deve estreiar no ano que vem.



Leonardo DiCaprio protagoniza 'O Lobo de Wall Street'

# O uivo de Scorsese

Culto a 'Assassinos da Lua das Flores' gera procura a um dos filmes mais pop do diretor: 'O Lobo de Wall Street'

Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

Visto por cerca de 90 mil pagantes no Brasil em duas semanas, "Assassinos da Lua das Flores" já faturou US\$ 85 milhões pelo mundo afora, candidatando-se ao Oscar 2024. Seu sucesso gera uma busca por títulos anteriores de seu realizador, sobretudo seu trabalho mais pop desde a década de 1960: "O Lobo de Wall Street", que comemora uma década de lançamento. Sua presença na grade da Amazon Prime mobiliza a streaminguesfera.

Um dos maiores sucessos de bilheteria da trajetória autoral de Scorsese, com um faturamento estimado em US\$ 406 milhões, "The Wolf of Wall Street" preenche uma cédula que o octogenário cineasta nova-iorquino - um dos maiores diretores da História - jamais preencheu com propriedade: a cédula do sexo. Os votos do realizador na sexualidade sempre oscilaram entre o voto nulo e a discrição extrema, como um fruto da névoa católica

opressora em sua criação em Little Italy. "Cabo do medo" (1991), encarado por parte da crítica como um thriller de terror, havia sido seu flerte mais direto com o erotismo. Mas, em 2013, a história (de timbres e tintas reais) de Jordan Belfort, o investidor da bolsa que chegou à condição de milionário entre fraudes e macetes escusos, serviu para excitar Scorsese. Situações atípicas em sua obra e na de seus contemporâneos de Geração Easy Rider (a leva de realizadores responsável por uma hemodiálise audiovisual nos EUA de 1967 a 1980, com filmes de engajamento político e crítica social) pontuam a transposição para as telas da jornada corrupta de Belfort, a começar por uma vela usada para fazer um fio-terra no personagem encarnada com majestosidade por Leonardo Wilhelm DiCaprio. Cenas de transas coletivas e muita nudez - elementos antes incompatíveis com o olhar de mundo cristão de Scorsese - entram aqui num desfile de ousadia sem pudor. É o Scorsese mais libertário, mais bem resolvido com seus tabus pessoais, mais debocha-

do (e sem culpa) quanto ao uso de entorpecentes. É, enfim, um trabalho de maturidade de quem já amadureceu faz décadas. Por isso, é tão estimulante ver o diretor agir como um adolescente púbere encantado com a força do desejo.

É em meio a turbilhão sensual (e sensorial) que Scorsese promove o que se chama nos estudos de dramaturgia de "narrativa de segundo campo". Trata-se de uma narrativa onde o foco não é a evolução e a correção do caráter do personagem e sim o quanto a sua jornada anti-heróica pode render de discurso sobre a sociedade, ou no caso, sobre o microcosmo chamado USA, os Estados Unidos do neoliberalismo. E Belfort, na releitura abusada de DiCaprio, é a síntese do cógito neoliberal. Scorsese abre sua experiência sexualizada detonando o limite de fabulação que separa filme e realidade: Belfort olha para a câmera e conversa conosco, deixando visível um distanciamento da mentira que criou ao seu redor para subsistir. Ali, Scorsese deixa de ser o intermediário de seu conto moral e faz plateia e protagonista conversarem sem interlocução de ninguém.

Com olho nos olhos do espectador, Belfort deixa claro a sua cupidez, a sua voracidade: de origem pobre e família fracassada, quer absorver o mundo inteiro agora que tem idade para legislar sua própria vida. E vai engolir o que houver ao seu redor. Autor que é, Scorsese sempre volta ao mesmo tema: há sempre um cordeiro a ser imolado em nome de um deus menor do que o Deus católico, no caso, aqui, o deus-mercado, o deus-capital.

## CRÍTICA

# Ontem, hoje, amanhã do teatro brasileiro

Por Cláudia Chaves | Especial para o Correio da Manhã

Existem momentos raros no cenário da dramaturgia. No mesmo espaço poder se assistir duas obras tão diversas e ao mesmo tempo tão semelhantes. “Azira’i” e “Vestido de Noiva” que, infelizmente, encerram suas temporadas no domingo. Ambos os espetáculos são capazes de, com talento e maestria em todos os pontos, apresentar um texto seminal e um outro contemporâneo que se aproximam pela alta qualidade de produção, encenação e a contemporânea aproximação com as artes visuais.

## AZIRA’I – Uma relação lendária

Leo Aversa/Divulgação

O projeto de Duda Rios e de Zahy Tentehar poderia ser mais um monólogo autobiográfico. Mas não é. Um texto emocionante. A atuação de Zahy Tentehar é o primeiro impacto. Gratificante. Ao resgatar a sua vivência com a mãe, Azira’i, a primeira mulher pajé da reserva indígena de Cana Brava, no Maranhão, onde ambas nasceram, Zahy é capaz de misturar dois códigos com absoluta proficiência. Em todas as linguagens performáticas: canta, dança, expressão falada. Altera prosódias diferentes que nos envolvem.

O texto de Zahy e Duda Rios, que também assina a direção com Denise Stutz, se utiliza de princípios de roteiro audiovisual que faz com que a câmera seja capaz de captar diferentes olhares. Fala a filha, Zahy; a mãe Azira’i fica presente nos seus costumes, nas suas atitudes e na exibição de suas lutar. E um narrador que nos puxa para aquilo que deve ser destacado.

Há de se notar a produção primorosa de Andrea Alves, da Sarau, que sempre nos traz espetáculos que falam de nossa brasilidade com um cuidado em todos os detalhes, que permitem que talentos afluam. O som dos pássaros, a trilha de Elisio Freitas, os figurinos de Carol Lobato, a iluminação de Ana Luzia de Simoni. de se juntam ao espetáculo visual das projeções do multiartista Batman Zavareze (direção de arte e design gráfico), que inundam o palco de puro deslumbramento.

Há afeto, tristeza, amor, dificuldades, um pensamento profundo sobre o que é ser mulher, mãe, indígena. De um quadro que poderia se recolher ao tema da exclusão, emerge, pela mão dos artistas Duda, Zahy e Denise, um outro pensamento: como vale a pena ir em frente, como o juntar de pontas, como se fazer um bonde, criar um caminhar pelos trilhos da emoção, que o teatro é capaz de dar.



## VESTIDO DE NOIVA – A apoteose da encenação

Netum Lima/Divulgação



Duas coisas se falam sobre a obra de Nelson Rodrigues. A primeira era dele próprio: “Não há diretor que saiba me encenar.” E a segunda que o texto rodriguiano é de tal ordem poderoso que não necessita de mais nada. Ione Medeiros, diretora do Grupo Oficina Multimídia, desmente essas 2 afirmativas. Ao transformar Vestido de Noiva em um espetáculo de absoluta plasticidade alcança a cocriação de forma brilhante, ao trazer um texto de 80 anos, para a atualidade da cena teatro de 2023.

Ao colocar uma Aláide em dupla atuação, duas atrizes com figurinos que lembram um passado, ao mesmo tempo, que tem um quê de operístico, passa-se do patamar da alucinação, o principal eixo de 3 (passado, presente e alucinação) para o lugar em que se traz a mente difusa de uma personagem que está morrendo.

Ione elimina os personagens do presente- jornalistas, que seriam os arautos de uma possível realidade, concentra mais nos choques da alma, na visão individualista, na própria invenção que as pessoas são capazes de fazer, inclusive na alteração do passado. Ao mesmo tempo, a encenação é capaz de trazer as projeções audiovisuais que é a escolha para a reverberação, sem a simplicidade quase monástica que normalmente se vêem em outras mensagens.

A potência está em todos os momentos: nos figurinos, nos atores masculinos de preto em contraste com as duas atrizes de branco. Camila Felix, Henrique Torres Mourão, Jonathan Horta Fortes, Júnio de Carvalho, Priscila Natany e Victor Velloso, se revezam, com uma qualidade de atuação, nas cenas personagens masculinos e femininos, princípio que é a essência da força do teatro. O texto está lá, na repetição, orações curtas, declatorias, quase como parte de um sermão. Alguém que representa bem o papa dos autores brasileiros.

## SERVIÇO

VESTIDO DE NOIVA / AZIRA’I | Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - centro)  
Até 5/11, de quarta a sábado (19h) e domingo (18h) | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

# Cercadas pela opressão

Texto clássico do espanhol García Lorca é ponto de partida para reflexão sobre a ofensiva cristã-conservadora no país

**C**om o intuito de explorar temas como fé, desejos e trazer atenção sobre a construção de um projeto político cristão, “Irmã Yerma” é uma reinvenção artístico-performática da obra de Federico García Lorca, dentro do contexto sociopolítico e religioso contemporâneo do Brasil. Com direção de Caju Bezerra e Diêgo Deleon, a nova temporada do espetáculo está em cartaz no Teatro Glauco Gill às quintas-feiras até o dia 23.

Representado por um elenco diverso e marcado por vivências em ambientes evangélicos, o espetáculo é baseado no texto “Yerma” de 1934, de Federico García Lorca, que narra uma mulher que vive o drama de não conseguir conceber um filho. Junto a isso, o espetáculo entrelaça a trajetória da ascensão do fascismo na Espanha (1934-1939) e a ditadura militar brasileira (1964-1985) para propor uma reflexão profunda sobre as ramificações de movimentos de extrema direita no contexto atual.

“Irmã Yerma” desdobra-se como uma peça multimídia e multiforme, ora uma história dramatizada, ora uma investigação documental, onde três atrizes negras dividem o papel da protagonista, interpretando diferentes aspectos de seus desejos em uma sociedade opressiva, enquanto um grupo religioso pentecostal desenvolve um projeto político. Essas atrizes, enquanto agentes de uma pesquisa cênica, manipulam som e imagem, apresentando documentos e dramatizando os passos da mulher que clama “dá-me filhos se não morro”.

A obra reflete a angústia da infertilidade retratada por Lorca, relacionando-se com a história bíblica de Ana e com as vivências de muitas mulheres cristãs.

A peça também produz um campo de

reflexão sobre como os dogmas religiosos se fortaleceram na esfera pública e política no país e de que maneira isso afeta os corpos de pessoas já vulnerabilizadas. A partir desse tema, Diêgo Deleon, diretor da peça, expressa como as vivências da equipe enriquecem a construção da narrativa.

## Projeto estruturado

“Parte da nossa equipe tem uma experiência anterior com a comunidade evangélica. Isso permite uma visão de como essas ideias têm sido cultivadas e maturadas politicamente por décadas, revelando um projeto antigo e bem estruturado”, enfatiza.

Para Caju Bezerra, também diretora da peça, “Irmã Yerma” foi construída de forma coletiva, colaborativa e repleta de verdades. “Nós somos um grupo formado, em sua maioria, por artistas negros, LGBTQIA+ e de periferias, vivendo em um contexto de ascensão da extrema direita no Brasil, um país que lidera em assassinatos de LGBTs no mundo, não só fisicamente, mas também por inúmeras formas simbólicas. As nossas experiências de vida e quem nós somos moldam muito a forma como vemos o mundo e, claro, influenciam diretamente no nosso trabalho criativo”, destaca.

O projeto sustenta sua relevância ao



Divulgação

Jade Maria Zimbra,  
Jaqueline Andrade e  
Lais Lage estão  
no elenco  
‘Irmã  
Yerma’

mento da bancada representativa no congresso. Sendo assim, é necessário refletir sobre como esses líderes religiosos

ocupam espaços políticos e de celebridade, ditando debates públicos sobre comportamento.

“É um ciclo que se repete, de opressão e ascensão de governos autoritários e fascistas que veem nossos corpos como algo a ser eliminado. Então, ‘Irmã Yerma’ é um ato de resistência e amor, tanto para Lorca quanto para os artistas que remontam este trabalho atualmente. É a nossa forma de nos posicionar e dizer que sabemos de onde vem a opressão que nos cerca. Conhecer esta história e conectar essas histórias é importante para não permitir que se repita. Precisamos permanecer alertas e nos posicionando”, destaca a diretora.

## SERVIÇO

IRMÃ YERMA

Teatro Glauco Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)  
9 e 16/11 (20h) e 23/11 (18h e 20h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (lista amiga)

dialogar com um texto clássico e deslocá-lo para uma realidade local e contemporânea para tratar de temas recorrentes na sociedade atual. “Lorca escreveu durante o período de ascensão do fascismo na Espanha, na década de trinta, e foi assassinado por fascistas. Como um homem gay, ele vivia e criava neste contexto. Quase um século depois, nos vemos em um contexto muito semelhante”, reflete a diretora.

Portanto, o espetáculo conscientiza e impacta diretamente aqueles que experienciam essas temáticas em sua vivência diária, abrindo discussões e propondo novas perspectivas. “Esse projeto de investigação artístico-performático é um convite para olhar com mais complexidade para esse projeto político-cultural e religioso que permeia o país. Além disso, uma abertura ao diálogo”, comenta o diretor.

O Rio de Janeiro convive com o crescimento anual da influência do setor cristão, dado o aumento do número de templos, a expansão da programação da TV, e o cresci-